

O CÉREBRO E A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL COMO FERRAMENTAS DE INTERVENÇÃO EM CASOS DE TDAH

THE BRAIN AND EMOTIONAL INTELLIGENCE AS TOOLS FOR INTERVENTION IN CASES OF ADHD

ADALGISA CRISTINA MARQUES BONI,
adalgisapsicopedagoga@gmail.com

Resumo: A desatenção de alunos em sala de aula tem se tornado cada vez mais frequente e tem sido questionada pelos profissionais da área da educação. A falta de conhecimento sobre o assunto dificulta as práticas dos professores, os quais encontram barreiras ao trabalhar com alunos desatentos e tentar efetivar a aprendizagem destas crianças. Considerando a relevância deste conhecimento para o atendimento neuropsicopedagógico, este estudo tem como objetivo fomentar uma compreensão mais profunda sobre o funcionamento cerebral e sobre como o desenvolvimento da inteligência emocional, proposta por Goleman, pode auxiliar no tratamento dos casos de TDAH. A fundamentação teórica aborda conceitos sobre o transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e sobre a Inteligência Emocional (IE). Espera-se com este estudo ampliar os conhecimentos sobre as funções cerebrais e valorizar o desenvolvimento das habilidades necessárias para uma aprendizagem significativa em casos de TDAH, contribuindo também para estratégias pedagógicas mais adequadas, acolhedoras e eficazes que favoreçam a autonomia, a concentração, a autorregulação emocional e o desenvolvimento integral dos estudantes.

Palavras-chave: Emoções. Aprendizagem. Escola.

Abstract: Student inattention in the classroom has become increasingly frequent and has been widely questioned by education professionals. The lack of knowledge about this subject hinders teachers' practices, as they encounter significant

barriers when working with inattentive students and seeking to ensure that these children effectively achieve meaningful learning. Considering the relevance of this knowledge to the neuropsychopedagogical care, this study aims to foster a deeper understanding of brain functioning and how the development of emotional intelligence, as proposed by Goleman, can assist in the treatment of ADHD cases. The theoretical framework addresses concepts related to Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder (ADHD) and Emotional Intelligence (EI). This study is expected to expand the knowledge about brain functions and highlight the development of necessary skills for meaningful learning in cases of ADHD, while also contributing to more appropriate, supportive, and effective pedagogical strategies that promote students' autonomy, concentration, emotional self-regulation, and their overall development.

Keywords: Emotions. Learning. School.

1 INTRODUÇÃO

A falta de atenção é um problema comportamental, presente em diferentes ambientes, resultando em danos na vida social, emocional e principalmente acadêmica das pessoas com o diagnóstico. Nem sempre a dificuldade em permanecer atento é algo tão simples, muitas vezes essa falha pode ser decorrente de um transtorno.

O transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) consiste em um transtorno do neurodesenvolvimento que atinge de forma significativa crianças, jovens e adultos. Segundo o DSM-5, as características do transtorno começam na infância e podem permanecer pela vida toda, trazendo prejuízos no desenvolvimento e no funcionamento

social, acadêmico e profissional da pessoa. (APA, 2014).

Por abranger aspectos do desenvolvimento, os transtornos do neurodesenvolvimento trazem como característica principal limitações específicas, como no caso do TDAH, a desatenção, a desorganização e o controle das funções executivas.

Nesse sentido, o funcionamento do cérebro interfere nas aprendizagens e comportamentos da criança com TDAH, e, portanto, precisa ser compreendido para que as intervenções neuropsicopedagógicas e educacionais sejam adequadas, gerando mudança comportamental e, em seguida, aprendizagens significativas.

Considerando o acima exposto, este artigo tem como objetivo fomentar ideias sobre o funcionamento cerebral e como o desenvolvimento da inteligência emocional, proposta por Goleman, auxilia no tratamento dos casos de TDAH.

Por se tratar de um estudo bibliográfico, buscou-se na literatura a fundamentação teórica a respeito dos conceitos referentes à temática, trazendo as contribuições de Benzick (2000), Barkley (2002), Goleman (2011, 2012), Cosenza; Guerra (2011), Cury (2001) e outros autores.

Desse modo, este texto está estruturado em três seções: entendendo o TDAH, o cérebro e as emoções e a inteligência

emocional auxiliando no tratamento com o TDAH. A relevância do assunto está relacionada à necessidade de ampliação do conhecimento sobre as funções cerebrais e sobre o trabalho educacional em casos de TDAH.

2 ENTENDENDO O TDAH

Para entender melhor a desatenção, é necessário compreender o que vem a ser a atenção. Segundo Cosenza; Guerra (2011), o cérebro humano não consegue processar todas as informações que chegam até ele, portanto, através do fenômeno da atenção, o sistema nervoso seleciona aquilo que for mais importante e significativo.

Esse funcionamento cerebral ocorre da seguinte forma: em uma determinada atividade, a pessoa atenta processa uma certa quantidade de informações que recebe de seus órgãos sensoriais, de suas memórias ou de seus processos de pensamentos, como se fosse um filtro de dados significativos. Esse processo apresenta suas vantagens, pois faz com que o foco se dirija apenas aos estímulos que interessam, consequentemente, a ação se torna mais precisa e rápida. A esse mecanismo atencional, Sternberg (2008) denomina de atenção seletiva, pois representa a capacidade de responder aos estímulos e manter o foco, desconsiderando as informações desnecessárias. Além disso, com o aumento da

atenção, os processos de memória podem ser ampliados.

Com relação ao controle normal da atenção, Benczik (2000) diz que este varia conforme a idade da criança, uma vez que dos 2 aos 5 anos de idade aparece o controle voluntário da atenção, sendo que essa ainda é voltada para o externo. Somente a partir dos 6 anos, esse controle se torna interno e, portanto, a criança terá possibilidade de utilizar estratégias para solucionar problemas de seu cotidiano. Dessa forma, quando a desatenção deve ser considerada um transtorno?

Do ponto de vista etiológico, estudos dizem que a origem do TDAH pode ser hereditária, em decorrência do envolvimento de vários genes, ou ainda pode ser devido a alterações em algumas áreas cerebrais, mais especificamente na região do córtex pré-frontal. (Rohde, 2004; Simão; Toledo e Ciasca, 2010). Assim, as causas envolvem uma disfunção orgânica e uma condição psicológica, sendo que grande parte das crianças e adolescentes que manifestam a hiperatividade possuem ambas. (Assis, 2014).

A região do córtex pré-frontal é importantíssima para a autorregulação, e, conforme Goleman (2012) argumenta é o lugar do controle cognitivo, responsável pela atenção, tomada de decisões e flexibilidade. Os estudos de Miranda e Muszkat (2004) afirmam que o córtex pré-frontal é uma das regiões mais desenvolvidas do cérebro humano, pois ele

tem a responsabilidade de realizar conexões complexas com as diversas áreas do sistema neural. Nele, são estabelecidos e conectados os comportamentos e as emoções, bem como as funções executivas, a memória operacional e a atenção, sendo essas últimas responsáveis pela manutenção das ideias e da consciência.

Em vista disso, a desatenção ocorre em decorrência de uma falha na liberação de dopamina, gerando a dificuldade em aguardar a gratificação tardia, ocasionando vários sintomas comportamentais referentes ao TDAH. (Cosenza; Guerra, 2011).

Segundo Lima (2011), esse transtorno envolve um mal funcionamento comportamental que a criança apresenta na infância, caracterizando-se por dificuldade em manter a atenção, a concentração, a impulsividade, a inquietação motora e psíquica.

O DSM-5, APA (2014) define o TDAH como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por prejuízos que variam em níveis, envolvendo a desatenção, desorganização e/ou hiperatividade – impulsividade. Por meio de investigações clínicas, descobriu-se que essas duas últimas características se relacionavam formando um problema ligado ao controle inibitório falho, o que consequentemente, é tão importante quanto os problemas de desatenção. (Barley, 2002).

Os estudantes com esse quadro são notados como desatentos e hiperativos desde a

tenra idade, no entanto, é no Ensino Fundamental que estes são identificados pelos educadores, sendo que dentro da escola a inquietação e a ansiedade são entendidas como falta de disciplina, desatenção e desinteresse. (Muszkat, 2012).

Em decorrência das exigências escolares, a desatenção poderá se manifestar de vários modos, seja, através da demora em terminar uma atividade proposta, em perceber detalhes importantes ou mesmo para interpretar textos. (Arruda, 2006). A criança com as características do TDAH pode ainda demonstrar falha na produção escrita, dificuldade de coordenação visomotora, o que acarreta falhas ao desenhar, copiar ou realizar atividades que exijam boa capacidade de preensão. (Benczik, 2000).

Para Silva (2014), uma pessoa desatenta apresenta algumas características que podem ser facilmente percebidas no comportamento dos indivíduos, como a tendência a desviar a atenção diante de estímulos mínimos; interromper atividades, como uma leitura, ao perceber algum ruído; e apresentar dificuldades para acompanhar uma conversa, perdendo-se durante a fala de outras pessoas, apresentando momentos de esquecimento e captando apenas partes isoladas do diálogo. Também é comum observar uma desorganização contínua, que pode resultar na perda de objetos, em atrasos ou faltas aos compromissos e em

esquecimentos frequentes. Além disso, a impulsividade pode ocasionar ações repentinas, como falar antes que o outro termine sua fala, podendo ocorrer erros de pronúncia, uma vez que o pensamento nem sempre acompanha o ritmo da fala.

Muszkat (2012) destaca que os tipos desatento e combinado do TDAH podem causar impactos significativos no processo de aprendizagem. O autor aponta ainda que uma parcela considerável de crianças e adolescentes com o transtorno apresenta dificuldades de aprendizagem, relacionadas principalmente à desatenção e ao funcionamento inadequado das funções executivas, que desempenham papel fundamental no aprendizado escolar.

De acordo com Vieira (2007), uma das principais confusões que os educandos com TDAH podem apresentar é a falha no comportamento dentro da sala de aula, o que se expressa através da dificuldade de cumprir uma regra disciplinar e da euforia na sala de aula. A autora ressalta que a criança com TDAH possui o mesmo intelecto e a mesma eficiência nos estudos que uma criança sem o transtorno; ela apenas se comporta de uma forma mais criativa, o que torna necessária a análise das especificidades do aluno e o oferecimento de oportunidades para que ele progrida.

3. O CÉREBRO E AS EMOÇÕES

Segundo os estudos de Goleman (2011a), o cérebro pensante se desenvolve a partir das emoções, portanto, o cérebro emocional existe antes do cérebro racional. Nesse sentido, a afetividade nasce antes da inteligência, logo, os afetos contribuem para o desenvolvimento humano, uma vez que ao se socializar a criança conhece suas expressões emocionais; dessa forma, inteligência e emoção caminham juntas. (Parolin, 2005).

As emoções envolvem impulsos, ações imediatas para enfrentar as situações da vida cotidiana, sendo que cada uma apresenta função específica e prepara o corpo para as mais diferentes reações. (Goleman, 2011a).

Damásio (2000, p.73) pondera que o impacto das emoções sobre o indivíduo está relacionado aos sentimentos produzidos por elas. Embora as emoções sejam manifestações externas, são os sentimentos, por serem experiências internas, que possibilitam que seus efeitos alcancem a mente. Entretanto, para que esses sentimentos sejam plenamente percebidos e compreendidos pelo indivíduo, é necessária a consciência de si, pois é por meio dela que a pessoa reconhece e compreende aquilo que sente.

Complementando, Parolin (2005) afirma que a vida afetiva e a vida intelectual estão inter-relacionadas, uma vez que se influenciam mutuamente, enquanto a afetividade integra sentimentos e emoções.

O conceito de inteligência emocional, o qual envolve a inteligência e a emoção, surgiu há pouco tempo, uma vez que, até então, a emoção era considerada um impulso totalmente irracional e divergente da razão. A partir do século XVII, os psicólogos passaram a acreditar que a mente era dividida em três partes: cognição, afeto e motivação, sendo a cognição responsável pela memória, raciocínio, julgamentos e abstração; o afeto estava relacionado às emoções em si; e a motivação tinha ligação com os instintos biológicos ou comportamentos adquiridos através do aprendizado. (Wedderhoff, 2011).

Segundo Cosenza; Guerra (2011), foram as neurociências que trouxeram a informação de que a cognição e as emoções estão interligadas ao funcionamento cerebral, possibilitando a adequação dos comportamentos para a sobrevivência humana.

Para os autores supracitados, a origem desse mecanismo se encontra no cérebro. Quando ocorre a estimulação com significado emocional, captando a atenção do indivíduo, esse estímulo atinge determinadas regiões, como a amígdala cerebral. Esse local fica responsável por comandos capazes de levar o organismo a uma situação de vigília, além de causar mudanças viscerais, como reações de taquicardia, e proporcionar a secreção de hormônios da glândula suprarrenal, os quais ocasionam o medo e a raiva.

Todo mecanismo descrito anteriormente, não se refere apenas às emoções negativas. Goleman (2012) cita que a amígdala direita consiste em um centro neuronal, cuja função é gerar a capacidade de consciência e entendimento dos próprios sentimentos, ou seja, a autoconsciência emocional.

Quando o assunto é aprendizagem, não se pode deixar de refletir sobre a interferência das emoções na construção do conhecimento. Cury (2001, p. 33) diz que “Você pode pensar sem sentir, mas não sente sem pensar.” Com essa frase, vê-se a importância da relação entre pensamento e emoção, pois bons pensamentos ocasionam emoções saudáveis, gerando aprendizados consistentes.

Nessa perspectiva, este artigo se ocupa em relacionar a temática das emoções e cognição com o aprendizado das pessoas que possuem o diagnóstico de TDAH, principalmente porque, conforme abordado anteriormente, a manifestação das emoções ocorre através de alterações fisiológicas e de processos mentais, prejudicando a atenção e a percepção. (Cosenza; Guerra, 2011).

4. A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL AUXILIANDO NO TRATAMENTO DO TDAH

O transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) tem como característica principal a falha no controle inibitório, o que ocasiona, nas pessoas com esse quadro, dificuldades em manter o foco e regular suas ações, traços importantes para as funções executivas. Pereira, Leon, Dias e Seabra (2012) se referem a essas funções como habilidades necessárias para o comportamento autorregulado e para a aprendizagem, podendo ser observadas em atividades que exigem o planejar, começar e efetuar, bem como a atenção seletiva e a memorização do trabalho.

As funções executivas se dividem em três habilidades principais: a inibição, a memória de trabalho e a flexibilidade, as quais começam a se desenvolver nos primeiros meses de vida e seguem até o início da vida adulta, sendo que cada habilidade tem um tempo de desenvolvimento. (Seabra; Dias, 2013).

Goldberg (2002) alerta que essas funções se desenvolvem no ser humano e se estruturam no córtex pré-frontal. Lembrando que essa região demora para atingir seu amadurecimento e se modifica até o final da adolescência, portanto, é justificável que tais funções sejam dominadas apenas na vida adulta. (Cosenza; Guerra, 2011).

Nessa perspectiva, considerando a base neurobiológica do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade, ou seja, a carga genética envolvida, é de se esperar que as

crianças vulneráveis ao transtorno apresentem sintomas clinicamente significativos a partir das séries finais do Ensino Fundamental I, pois as funções executivas, como planejar, organizar e persistir em um foco atencional são necessárias para efetuar as tarefas escolares. (Rohde, 2004).

Segundo essa linha de pensamento, o modelo de Inteligência Emocional (IE), proposto por Goleman (2012) apresenta a autoconsciência como um dos quatro domínios fundamentais para a qualidade de vida das pessoas. Segundo o autor, esse conceito está relacionado à capacidade de direcionar a atenção para as próprias experiências e perceber de maneira reflexiva os sentimentos e pensamentos vivenciados pelo indivíduo.

As experiências de vida são guardadas em uma rede neural denominada gânglios da base, região essa que tem ligação com as áreas verbais e as vísceras, portanto, as decisões humanas devem se ajustar ao que a pessoa está sentindo, uma vez que a autoconsciência se desenvolve a partir da avaliação realizada pelos centros cerebrais e da sabedoria de vida. (Goleman, 2012).

Tendo em vista o desenvolvimento desse domínio, desenvolver a competência emocional, ou seja, a capacidade de perceber como as próprias emoções influenciam suas ações, é necessário para a vida em sociedade e auxiliará quem apresenta dificuldade de

autocontrole. Segundo o autor, essa capacidade exige a percepção emocional, a autoavaliação precisa e a autoconfiança, três competências imprescindíveis para ajustar-se aos sentimentos do próximo, gerando habilidades sociais. (Goleman, 2011b).

Quando uma pessoa aprende a se autoavaliar, ela se torna consciente de seus aspectos positivos e negativos, portanto, poderá refletir sobre sua própria experiência e aceitar com mais facilidade as críticas a respeito de seus pontos fracos. Para o autor supracitado, a atitude defensiva consiste em uma forma de proteção para omitir as falhas, eliminando a verdade emocional das situações. Por último, a autoconfiança faz com que a pessoa consiga agir de modo seguro, se tornando capaz de tomar decisões, evitando o sentimento de incapacidade que paralisa e prejudica tanto os aprendizados como o desenvolvimento pessoal.

Segundo Cosenza; Guerra (2011), o TDAH caracteriza-se por disfunções relacionadas à atenção e às funções executivas, podendo também apresentar alterações no controle emocional e nos processos motivacionais. A impulsividade pode manifestar-se de maneira inadequada ao contexto. Embora o quadro seja variável, os testes neuropsicológicos podem indicar dificuldades nas funções executivas, especialmente relacionadas à inibição de

respostas, à memória operacional e ao planejamento.

Dessa forma, compreender os mecanismos cerebrais se torna imprescindível para a área da Neuropsicopedagogia, que, assim como a Psicopedagogia se ocupa em compreender o processo cognitivo das pessoas desde a primeira infância. (Lima, 2017). Nos casos de TDAH, o controle emocional se faz necessário e treinar as emoções é o ponto de partida. Segundo Cury (2001), para essa educação emocional deve-se levar a pessoa a um nível de reflexão sobre si mesmo, portanto, são ensinamentos importantes: olhar as situações por diferentes ângulos, compreendendo as próprias limitações e falar dos seus sentimentos, valorizando a vida.

Logo, o trabalho de auxílio à pessoa com TDAH deve ser voltado para a capacitação adequada de habilidades que envolvem as emoções e o fortalecimento interior, o que pode ser feito por meio de situações lúdicas e prazerosas. Isto é importante, pois, conforme Cosenza e Guerra (2011) argumentam, as estratégias utilizadas no processo de ensino-aprendizagem, juntamente com as experiências vivenciadas pelo indivíduo, contribuem para a ocorrência da neuroplasticidade, promovendo mudanças na estrutura cerebral durante o processo de aprendizagem.

A área educacional lida com seres humanos em construção, que através dos

conteúdos escolares aliados ao bom desenvolvimento emocional, contribuem para o desenvolvimento desse ser de forma integral e saudável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade consiste em um obstáculo para as aprendizagens escolares e causa problemas comportamentais que fazem com que as pessoas com esse diagnóstico enfrentem dificuldades de adaptação ao meio externo. Portanto, a partir do conhecimento das características e falhas no funcionamento cerebral, torna-se mais fácil buscar formas de trabalhar e orientar os casos de TDAH.

O trabalho a ser realizado pelo neuropsicopedagogo envolve exatamente as defasagens escolares que ocorrem com quem apresenta esse e outros quadros clínicos. Por isso, diante de tantas possibilidades existentes para se estabelecer um trabalho de qualidade, que valorize a pessoa como ser humano capaz de aprender por meio de sua forma específica, considerar o desenvolvimento da inteligência emocional (IE) se faz relevante por ser algo abrangente, ou seja, uma capacitação que traz benefícios para a vida interna e externa.

Conforme os autores trazidos neste artigo, a pessoa com TDAH deve se tornar capaz de controlar suas ações e emoções para atingir o autodomínio necessário para uma vida

saudável e realizada. Dessa forma, entendendo a capacidade cerebral do ser humano será possível adequar práticas e estratégias para concretizar essa meta.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARRUDA, M.A. **Levados da Breca**: um guia sobre crianças e adolescentes com o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Ribeirão Preto: Instituto Glia, 2006.

ASSIS, F.C. **TDAH no Espaço Escolar**: Atendimento de alunos por meio da Mediação dos Professores. UEM-Maringá. p. 1-24, 2014. Disponível em: <http://www.dfe.uem.br/TCC-2014/fernanda_cez_assis.pdf>. Acesso em: 20. fev. 2018.

BARLEY, R. A. **Transtorno do Déficit de Atenção / Hiperatividade (TDAH)**: Guia completo para pais, professores e profissionais da saúde. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BENCZIK, E.B. P. **Transtorno de Déficit de Atenção / Hiperatividade: atualização diagnóstica e terapêutica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

COSENZA, R; GUERRA, L. **Neurociência e Educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CURY, A. **Treinando a emoção para ser feliz**. São Paulo: Academia de inteligência: 2001.

DAMÁSIO, A. **O Mistério da Consciência**. São Paulo: SCHWARCZ, 2000

GOLDBERG, E. **O cérebro executivo**: lobos frontais e a mente civilizada. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011a.

GOLEMAN, D. **Trabalhando com a Inteligência Emocional**. Trad. M. H. C. Cortês. Rio de Janeiro: Objetiva 2011b. E-book.

GOLEMAN, D. **O cérebro e a inteligência emocional**: novas perspectivas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012

LIMA, F. R. Sentidos da intervenção neuropsicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem na pré-escola. **EDUCA - Revista Multidisciplinar em Educação**, Porto Velho, v. 4, n. 7, p. 78-95, jan/abr, 2017. <https://doi.org/10.26568/2359-2087.2017.2012>

LIMA, F.A.O. **Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade**: entendendo melhor a criança com TDAH no contexto da escola pública. UAB-Brasília. p. 09-54, 2011. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/2345>>. Acesso em: 10. jan. 2018.

MIRANDA, C.A., MUSZKAT, M. Neuropsicologia do desenvolvimento. In: ANDRADE, V.M., SANTOS, F.H., BUENO, O.F.A. (Orgs.) **Neuropsicologia Hoje**. São Paulo: Artes Médicas, 2004. cap.10, p. 211-224.

MUSZKAT, M. **TDAH e Interdisciplinaridade**: Intervenção e Reabilitação. São Paulo: All Print Editora, 2012.

PAROLIN, I. **Professores formadores**: A relação entre a família, a escola e a aprendizagem. Curitiba: Positivo, 2005. (Série práticas educativas).

PEREIRA, A. P. P., LEON, C. B. R., DIAS, N. M., SEABRA A. G. Avaliação de crianças pré-escolares: Relação entre testes de funções executivas e indicadores de desatenção e hiperatividade. **Revista psicopedagogia** [online] 29(90); 2012, p.279-289. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862012000300002&lng=pt&tlng=p

ROHDE L. A., MIGUEL E. C. F., BENETTI L., GALLOIS C., KELLING C. Transtorno do Déficit de Atenção / Hiperatividade na infância e na adolescência: considerações clínicas e terapêuticas. **Revista Brasileira de Psiquiatria Clínica** 31 (3): 124 - 131, 2004.
<https://doi.org/10.1590/S0101-60832004000300002>

SEABRA, A. G.; DIAS, N. M. Funções executivas: desenvolvimento e intervenção. **Temas sobre Desenvolvimento**, São Paulo, v. 19, n. 107, p. 2016-212, jan. 2013.

SILVA, A.B.B. **Mentes Inquietas: TDAH - desatenção, hiperatividade e impulsividade**. 4. ed. São Paulo: Globo, 2014.

SIMÃO, A.N.P.; TOLEDO, M.M.; CIASCA, S.M. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. *In:* CIASCA, S.M.; RODRIGUES, S.D.; SALGADO, C.A. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. SP: Revinter, 2010, 23 - 26.

STERNBERG, R. J. **Psicologia Cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

VIEIRA, I. Dificuldades de Aprendizagem escolar em crianças com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade e Impulsividade-TDAH. **Manancial Repositório Digital da UFSM-Santa Maria**. p. 1-30, 2007. Disponível em:<http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/870/Rosa_I%C3%A1gara_Cristina_Velasques_Vieira_da.pdf?sequence=1>. Acesso em: 13. fev. 2018.

WEDDERHOFF, E. **Educação emocional: Um novo paradigma pedagógico?** Capa>v. 2, n.1 (2001) Disponível em:
<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1299>. Acesso em: 20 junho 2020.